

## DUAS MARGENS DO RIO: INDÍCIOS DE LEXICALIZAÇÃO EM BELO HORIZONTE E DE GRAMATICALIZAÇÃO EM VARGINHA / MG<sup>1</sup>

Rosana Pinheiro<sup>2</sup>

Cecília Toledo<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste texto, estuda-se a variação das formas (OS)<sup>4</sup> OLHOS ~ (O) OLHO, (AS) MÃOS ~ (A) MÃO e (OS) PÉS ~ (O) PÉ, ou seja, a variação na marcação de número nos SNs (sintagmas nominais) referentes a pares no falar mineiro de Belo Horizonte. Entendemos que essa variação ocorre devido à expansão nos domínios do léxico, ou seja, lexicalização do plural em detrimento da marcação morfológica. Há evidências de que as mulheres usam mais a forma padrão do que os homens. Atribuímos esse resultado ao fato já conhecido na literatura de as mulheres estarem mais atentas ao padrão de correção.

Tratamos também do estudo da ditongação variável em sílabas /CVS/ (como em arroz [a'hojs], paz ['pajs], vocês [vo'sejs]), realizada por moradores de Varginha, falar sulista. Observamos a prevalência da variável ditongada, mas há casos variáveis especiais em que a ditongação não prepondera. Interpretamos esse resultado como indício de maior atonicidade da sílaba em questão e indício de gramaticalização da palavra.

**Palavras-chave:** variação linguística, falar mineiro, marcação morfológica de número, lexicalização, falar sulista, ditongação, gramaticalização.

Zágari identificou a existência de três falares em Minas Gerais: o baiano, o paulista e o mineiro. “O que Minas apresenta são falares, isto é, realizações lingüísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala (...)” (ZÁGARI, 1998, p. 49).

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultante de pesquisas realizadas pelas alunas na disciplina Estudos Temáticos de Língua Portuguesa: Falares Mineiros, ministrada no curso de graduação da Faculdade de Letras da UFMG, pela Profa. Maria do Carmo Viegas, orientadora dessas pesquisas. Este texto integra o conjunto de produções do Grupo de Pesquisa VARFON-Minas. Revisão: Tânia Sifuentes; Editoração: Alda Lopes; Redação do Abstract: Profa. Ana Larissa Adorno. A elas nossos agradecimentos.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras/UFMG. E-mail: [rospbh@gmail.com](mailto:rospbh@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Letras/UFMG. E-mail: [cissa.valle@hotmail.com](mailto:cissa.valle@hotmail.com)

<sup>4</sup> Os parênteses indicam a opcionalidade.

A começar pelo norte de Minas, o primeiro dos três falares é:

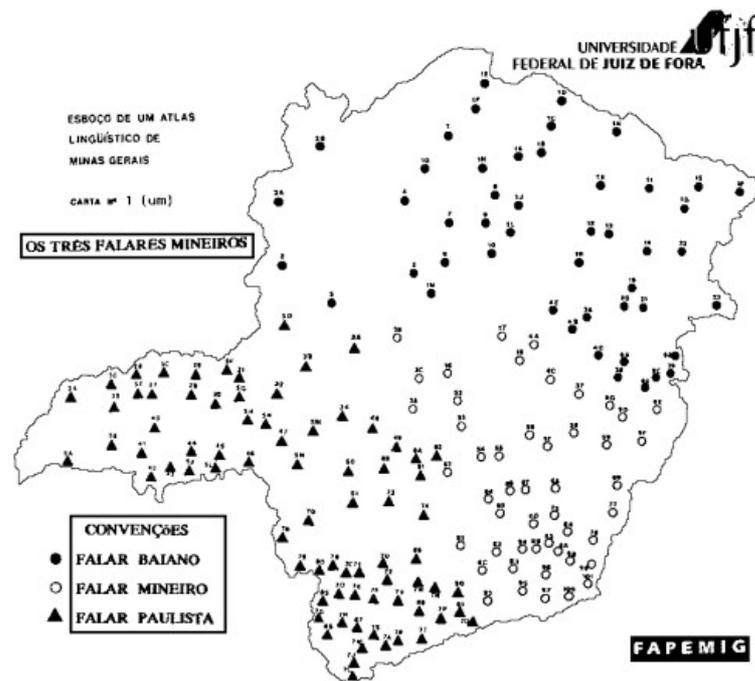
(...) um falar baiano que, partindo do norte, vai até a linha, no sentido leste-oeste, abarcando as localidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro, terminando em Paracatu. Caracteriza-se esse falar pela predominância das vogais pretônicas baixas, como [Or'valu], [sE'renu], a presença da africada [ts] antecedendo a vogal alta [i], como em [ímutsu], [íotsu], além do [t] e [d] como coronais, [i'dadi], [ídeti] e a nasalidade ocorrente fora da sílaba tônica: [bã'nãna] ou [kãminãw]. (ZÁGARI, 1998, p. 50).

Além da pronúncia, *as cidades do norte de Minas também possuem itens lexicais peculiares, como neve (= cerração), chuva-de-flor (= granizo), zelação (= estrela cadente), ponga (= carona), entre outros.*

O falar paulista, por sua vez, parte do sul do estado, na cidade de Passa Vinte e rumo ao norte abrange Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e dobra ao oeste, indo até Vazante. Atinge, portanto, todo o triângulo e a região do sul do estado.

Distingue esse falar, e é sua marca inconfundível nas Gerais o [r] retroflexo (...). Marcado por filmes, programas de rádio e televisão, como um “R” caipira. (...) Nesse falar, o ritmo de fala é mais veloz, contrastando com o ritmo mais arrastado do norte, verificando-se, lexicalmente, certas preferências como **ramona** (=grupo), **rabicó** (=animal sem rabo), entre outras. (ZÁGARI, 1998, p. 50-51).

Por fim, há o falar Mineiro que, “(...) preso entre essas duas áreas que, não possuindo nenhuma das características acima enumeradas, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros, quando finais e antecidos (*sic*) de sibilantes.” (ZÁGARI, 1998, p. 51).



Fonte: ZÁGARI, 1998.

Selecionamos o falar mineiro e o paulista para as pesquisas aqui apresentadas. Vejamos.

## SEÇÃO A

Variação na marcação morfológica de número nos sintagmas nominais referentes a pares: lexicalização no falar mineiro

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que uma pessoa sem nenhuma deficiência possui dois olhos, duas mãos e dois pés e, logo, espera-se que tais formas, por fazerem referência a mais de um elemento, sejam faladas no plural. Assim, uma pessoa tem OLHOS, MÃOS e PÉS. Contudo, nem sempre é isso que ocorre no falar mineiro. Essas formas possuem variantes no singular: (O) OLHO, (A) MÃO e (O) PÉ – ainda que o falante esteja se referindo aos dois elementos componentes do par.

Segundo Cristófaros-Silva (2012), os tipos de formação de plural nominal no português brasileiro são:

- (a) S plural “o menino” > “os meninos” e “os menino”
- (b) metafoia “um r[o]sto” > “uns r[ɔ]stos” e “uns r[o]sto”
- (c) ão final: ãO> ãos “um irmão” “uns irmãos” e “uns irmão”
- (d) ão final: ãO> ões, ães “um leão” “uns leões” e “uns leão”
- (e) R em final de palavra “a flor” “as flores” e “as flor”
- (f) S em final de palavra “o mês” “os meses” > “os mês”
- (g) L em final de palavra “o sal” “os sais” > “os sal”
- (h) ausência de morfema “o pires” “os pires” > “os pires”

Não estamos estudando nenhum desses casos. Nosso estudo não tem como objeto casos como OS MENINOS ~ OS MENINO; nem é exatamente o estudo de SNs com sentidos genéricos, como em O HOMEM É MORTAL ~ OS HOMENS SÃO MORTAIS.

Nosso objeto de estudo é, portanto, a marcação de plural ou não nos SNs contáveis referentes a pares de elementos. Trabalhamos com a hipótese de que estaria havendo variação entre a marca morfológica e a lexicalização da marcação de número.

No que tange à coleta de dados, observamos:

Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo. Se você inadvertidamente o fizer, ou, mais grave ainda, se o fizer conscientemente, é muito provável que o comportamento de seus informantes – já prejudicado pelo uso do gravador e por sua presença – se altere ainda mais, e a pesquisa, conseqüentemente, se torne ainda mais enviesada. Procure, portanto, colocar ao informante os objetivos de sua pesquisa fora do campo da linguagem. (...) (TARALLO, 1990, p. 27).

Foram entrevistados quatro jovens com a faixa etária entre 17 e 24 anos, dois homens e duas mulheres. Todos mineiros, moradores de Belo Horizonte, da região da Pampulha, e que possuem o mesmo nível socioeconômico e mesmo grau de escolaridade.

- Mulheres: S22 e P18. (2)  
Tem **os mesmos olhos** da anterior, só que esse olhar tá feliz. (S22)  
Loiro, **do olho azulíssimo**, parecido com as bonecas da minha infância. (S22)  
Com **as mãos** e com o rosto cheio de cores. (P18)  
Só **a mão** de um que tá meio diferente... A de dois, né... (P18)
- Homens: R24 e J17. (2)  
Tá com **as mãos** juntas... (R24)  
Com **a mão** toda suja, toda colorida, né... (R24)  
(...) e **os pés** no pedal... (J18)  
Com **o pé** pro alto... (J18)

Interessa-nos investigar se há diferenças do gênero do informante em relação ao processo variável em questão, pois, segundo Labov (1972), as mulheres estão mais atentas ao padrão de correção do que os homens. Neste caso, a hipótese testada é de que as mulheres usam mais as formas com marcas morfológicas de plural (padrão) do que os homens.

## 1 O ESTUDO

### 1.1 Coleta de Dados

Para o trabalho, foram coletados dados gravados de quatro moradores da cidade de Belo Horizonte. As entrevistas foram dirigidas e a orientação foi a seguinte:

“Faça a descrição completa de cada imagem que você verá: desde as características físicas até aos estados emocionais de cada criança.”

Foram mostradas várias imagens em que havia crianças, ora com as mãos sujas de tinta, ora fazendo óculos com as mãos, ora com as mãos em contato com a água, entre outras. Os olhos das imagens eram sempre expressivos, de modo

a se destacarem, e os pés das crianças ora estão para cima, ora dobrados, ora sobre pedais etc.

As formas (OS) OLHOS ~ (O) OLHO, (AS) MÃOS ~ (A) MÃO e (OS) PÉS ~ (O) PÉ, referentes aos pares de elementos, foram identificadas nas gravações feitas e contabilizadas. As variantes em estudo podiam vir ou não acompanhadas de artigos e podiam ou não estar no diminutivo ou no aumentativo.

## 1.2 Análise dos Dados

TABELA 1  
Formas (OS) OLHOS ~ (O) OLHO, (AS) MÃOS ~ (A) MÃO e (OS) PÉS ~ (O) PÉ  
utilizadas pelas mulheres entrevistadas

Informantes	Olhos	Olho	Mãos	Mão	Pés	Pé
S21	5	3	6	0	2	1
P18	4	3	4	1	1	1
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>2</b>
(%)	60%	40%	90,1%	9,9%	60%	40%

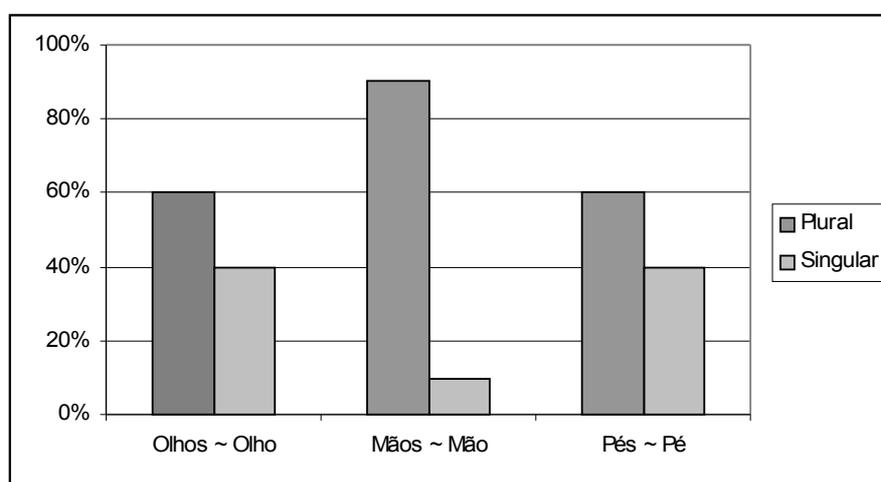


GRÁFICO 1: Mulheres: Plural x Singular

Dando continuidade ao processo de análise de dados segundo o gênero, foram somados os valores referentes ao falar dos homens. Obtiveram-se os seguintes resultados:

TABELA 2

Formas (OS) OLHOS ~ (O) OLHO, (AS) MÃOS ~ (A) MÃO e (OS) PÉS ~ (O) PÉ utilizadas pelos homens entrevistados

Informantes	Olhos	Olho	Mãos	Mão	Pés	Pé
R24	0	7	1	5	0	3
J17	4	2	4	5	1	3
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>5</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>6</b>
(%)	30,8%	69,2%	33,3%	66,7%	14,3%	85,7%

De modo diferente do resultado obtido nas entrevistas com as mulheres, os homens preferem utilizar as formas que estão no singular.

Numa imagem em que há cinco crianças, todas com as mãos nos olhos, o informante, mesmo assim, utilizou o singular, ainda que houvesse cinco pares de mãos e de olhos.

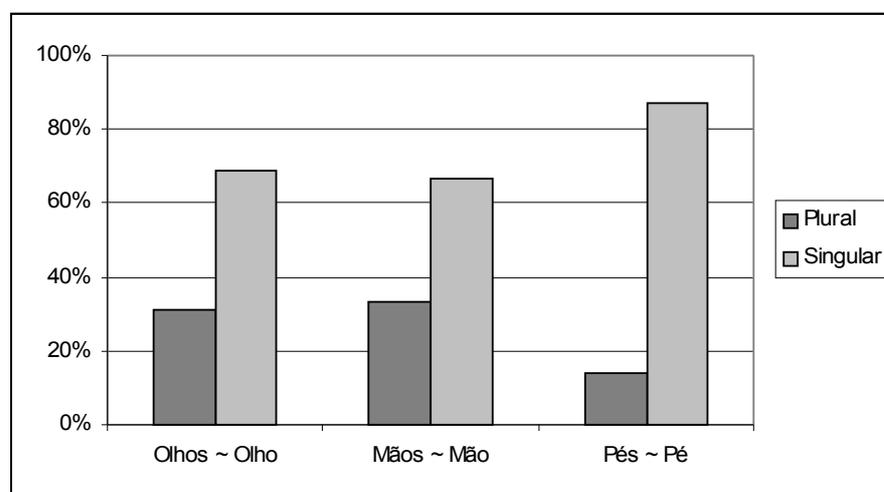


GRÁFICO 2: Homens: Plural x Singular

É interessante notar que os homens não utilizaram nenhum substantivo no diminutivo, já as mulheres sim. Houve um caso curioso que foi a utilização, por um homem, do aumentativo e, em seguida, do adjetivo no diminutivo, com a função de intensificar, não de diminuir, ao que parece.

- Todo mundo **com a mão no olho**, fazendo tipo uma máscara... (R24)
- Nó, que **olhão**, hein? **Azulzinho!** (R24)

Interessante notar ainda que, na maioria das vezes em que os substantivos foram utilizados no diminutivo, por mulheres, falou-se a forma do plural:

- **Os pezinhos** ali tão meio juntinhos... **As mãozinhas** fechadas... (S22)
- **Os pezinhos** juntos, **as mãozinhas** no chão fechadas... (P18)

TABELA 3  
Comparação Específica

Gênero	Olhos	Olho	Mãos	Mão	Pés	Pé
Mulheres	9	6	10	1	3	2
Homens	4	9	5	10	1	6

TABELA 4  
Comparação Geral

Forma	Mulheres	Homens
Plural	9+10+3=22	4+5++1=10
Singular	6+1+2=9	9+10+6=25
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>35</b>
Porcentagem (%)	<b>9/31= %</b>	<b>25/35= %</b>

Por meio da análise das porcentagens, podemos ver a real diferença entre os gêneros. Muito curioso o fato de que as porcentagens foram praticamente invertidas: se as mulheres utilizam a forma do singular em 29% das possibilidades, os homens utilizam, aproximadamente, essa porcentagem para a forma do plural, nas mesmas condições.

#### CONCLUSÃO DA SEÇÃO A

Conclui-se que há diferença de acordo com o gênero no que tange ao uso das formas em estudo. Consta-se que os homens usam muito mais os substantivos analisados na forma do singular, enquanto as mulheres os utilizam mais na forma do plural.

Podemos interpretar os resultados considerando que as mulheres estão mais preocupadas com o “padrão”, devido ao prestígio social que estaria vinculado às formas no plural.

“A forma de prestígio tende a predominar na fala feminina, (...) as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas socialmente”, de acordo com Mollica (2007, p. 34). Os homens parecem não se importar tanto com o quesito de prestígio proporcionado pela forma mais “cultura”.

No que concerne à variável sexo/gênero, nas situações de variação estável, as mulheres tendem a ser, por um lado, mais sensíveis ao uso das formas de prestígio, o que pode ser aferido numa escala de níveis de formalidade da fala. Por outro lado, nas mudanças em que se abandona o uso de uma forma padrão, o processo tende a ser liderado pelos homens, enquanto as mulheres lideram as mudanças em direção às formas de prestígio (LABOV, 1972).

A respeito de as mulheres estarem mais preocupadas e atentas ao padrão, Labov considera que

(...) é importante ter em mente que essa propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (no sentido do padrão normativo) é limitada àquelas sociedades em que as mulheres desempenham um papel na vida pública. Uma tendência contrária foi encontrada em Teerã por Modaressi (1977) e Jain, na Índia (1975). (LABOV, 1981, p. 184)

Os SNs (AS) MÃOS, (OS) PÉS, (OS) OLHOS indicam pares de elementos e são tratados no português padrão como elementos que trazem as marcas de plural. Na fala, como sabemos, muitas marcas de plural estão sendo apagadas (os menino, por exemplo). Os SNs que indicam pares também estão apresentando apagamento das marcas morfológicas de número plural. Entendemos que a ocorrência disso está relacionada à lexicalização da marcação de número em detrimento da marcação

morfológica nesses casos, considerando que a lexicalização ocorre quando há expansão nos domínios do léxico.

### Os dados – MULHERES

#### S22

- **O olhinho** brilhando, assim, esperando, dá dó...
- Tem **os mesmos olhos** da anterior, só que esse olhar tá feliz.
- Tá com **as mãos** abertas.
- Todos brincando, com **as mãos** como se fossem óculos...
- Todos têm **olhos claros**...
- Com **as mãozinhas** perguntando...
- **Os olhos** azuis, da Carol...
- Com **as mãozinhas** querendo brincar...
- Ah, **os olhos** (...) assim, daqui, é preto...
- Loiro, **do olho azulíssimo**, parecido com as bonecas da minha infância.
- **Os pezinhos** ali tão meio juntinhos...
- **As mãozinhas** fechadas...
- De azulzinho, combinando com **os olhos**...
- Com **os pés** assim, pra cima.
- **O pé** não tá muito sujo...
- Loirinho também, **do olho verde folha-seca**.
- Tá com **as mãos** segurando a motinha dele.
- Com **os pezinhos** em cima dos pedais.

#### **P18**

- Ela está com uma lágrima **nos olhos**.
- (...) com **as mãos** esperançosas.
- Com **as mãos** e com o rosto cheio de cores.
- Preto... **O olho**.
- Com as mãos **nos olhos**...
- Só **a mão** de um que tá meio diferente... A de dois, né...
- Ele tem **um olho azul**, cabelo castanho...
- Cabelo preto, **olhos**, aparentemente, **pretos**...
- (A água ta encostando) **nas mãos**.
- (...) blusa azul combinando com **seus olhos azuis**.
- **Os pezinhos** juntos, **as mãozinhas** no chão **fechadas**...
- Os dois estão com **o pé** pra cima.
- Narizinho pequeno, **o olho** dele, **preto**...

### Os dados – HOMENS

## R24

- Tá com **as mãos** juntas...
- Tem **o olho castanho**, parece.
- Num dá pra ver a cor **do olho** também, mas parece que é castanho.
- Com **a mão** toda suja, toda colorida, né...
- Todo mundo **com a mão no olho**, fazendo tipo uma máscara...
- Tem um ali que tem olho azulzinho, não têm vários ali com olho azul, parece.
- Nó, que **olhão**, hein? **Azulzinho!**
- Tá esticando **a mão**, tá pedindo!
- **Olho preto**, cabelo preto, liso.
- E ele tá encostando **a mão** na água.
- **Olho azul**, azul, azul, cor de céu.
- **Pé** pra cima, **mão** no chão...
- Os dois com **o pé** quase lá na câmera...
- Parece que tem **olho claro**...
- Tá com **a mão** no guidon lá, no volantezinho.
- **O pé** lá ta pedalando, fez pose pra foto...

## J17

- **A mão** tá junta, **o olho** tá chorando...
- **A mão** tá suja de tinta...
- **Os olhos** tão normais...
- **As mãos** tão juntas **nos olhos**...
- Só o de vermelho que tá com **a mão fechada**...
- Tá com **a mão aberta**, **mão pro alto**, **olhos azuis**...
- Com **as mãos abertas**, **olhos fixos** na água...
- Criança com **as mãos fechadas**, **os olhos fixos** n'alguma coisa...
- **Pé** dobrado... **Pé** pra trás...
- **Olho azul**, blusa azul...
- Com **o pé** pro alto...
- Com **as mãos** no guidon e **os pés** no pedal...

## SEÇÃO B

Ditongação variável no falar sulista de Varginha (MG) e indícios de gramaticalização

## INTRODUÇÃO

Com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972), estudamos a ditongação em sílabas CVS átonas e tônicas em palavras como: *arroz*, *luz*, *paz*, *pus* e *pôs*; *vírus*, *atlas*; e também nas formas do plural: *pás*, *pós*, *pelos*, *pés*, *robôs*, *vocês*, *bebês*; *calças*, *aqueles*; na comunidade selecionada - Varginha - MG.

A ditongação é apontada pelo autor como sendo uma das características do falar mineiro:

(iii) um falar mineiro (utilizando-se a nomenclatura de Antenor Nascentes) preso entre essas duas áreas que, não possuindo nenhuma das características acima enumeradas, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros, quando finais e antecidos (*sic*) de sibilante: [a'xoys], ['fajs]... (ZÁGARI, 1998, p. 51)

Assim, nosso objeto de estudo é uma característica do falar mineiro, segundo Zágari – a ditongação seguida de sibilante – que também ocorre no falar sulista de Varginha, cidade localizada no sul de Minas.

Interessa-nos inicialmente determinar:

O fenômeno é variável?

Caso o fenômeno seja variável, interessa-nos determinar o contexto da variação respondendo às seguintes perguntas:

- 1– A ditongação ocorre em sílabas tônicas e átonas?
- 2– A ditongação ocorre quando seguida de –S que marca plural?

## 1 O ESTUDO

Para coleta de dados, foram feitas entrevistas direcionadas e testes com quatro informantes nascidos e moradores da cidade de Varginha – dois homens (um adulto – MA; e um jovem – MJ) e duas mulheres (uma adulta – FA; e uma jovem – FJ) – pertencentes à mesma classe social e com escolaridade semelhante.

Essas entrevistas foram gravadas com a autorização dos informantes, a fim de manter exatamente a forma como as variantes foram pronunciadas por eles.

O questionário utilizado pelo entrevistador tinha perguntas direcionadas a fim de que os informantes pronunciassem determinadas palavras de interesse da pesquisa. Havia a hipótese de que a ditongação em nomes no singular terminados em vogal seguida de S seria categórica na fala varginhense. Testávamos, pois, as palavras ARROZ e LUZ.

As perguntas foram:

- (1) Você se lembra algum momento vivido na sua infância? Qual?
- (2) O que você comia no café da manhã?

- (2) O que você comia no almoço e no jantar quando era criança?
- (3) O que você come hoje nessas refeições?
- (4) Como era a iluminação da sua casa na sua infância? Usavam velas? Havia energia elétrica?

As tabelas 1 e 2 mostram as realizações ARROZ ~ ARROIZ, LUZ ~ LUIZ

TABELA 1

Informantes	ARROZ	ARROIZ
MA	0	2
FA	2	0
MJ	0	1
FJ	0	2
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>5</b>

TABELA 2

Informantes	LUZ	LUIZ
MA	0	1
FA	1	0
MJ	0	1
FJ	0	2
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>4</b>

Observamos, portanto, que o fenômeno é variável, ou seja, ora os falante de uma comunidade falam a forma x, ora falam a forma y. Observamos ainda que o falante. FA não ditongou, diferentemente dos demais.

Foram feitos testes direcionados para a realização de certas formas. Testávamos a hipótese de que somente as sílabas em que o S não marca plural ditongariam. Vejamos:

Diga a forma do plural das palavras a seguir: *Pá, Robô, Pé, Pó, Pelo, Bebê, Você.*

Os nomes pás, robôs, pés, pós, pelos e bebês não receberam o glide j categoricamente. Todos os informantes pronunciaram essas palavras na forma padrão não ditongada; mas o pronome VOCÊS foi ditongado por todos os informantes.

Comprovamos assim nossa hipótese de que a ditongação não ocorre quando o S é marca de plural nos nomes. O caso de VOCÊS é diferente, pois o S não marca plural da mesma forma que em BEBÊS. Os nomes são comumente precedidos por determinantes e servem de base para formação de outras palavras, já os pronomes pessoais retos não.

Havia ainda a hipótese de que somente as sílabas tônicas ditongariam.

Formulamos então um teste: os informantes deveriam ler um texto que foi constituído mediante a junção de palavras com vogais tônicas e átonas seguidas de S no final da sílaba.

### Teste 1

TEXTO: Meus vovôs

Vocês não sabem, mas essa é parte da história de nossa família. Era uma vez uma família que residia na zona rural ...

O pai da minha mãe era o vovô João, o pai do meu pai era o vovô Pedro. Meus vovôs foram a luz de nossos caminhos, a paz de nossas vidas. Vocês nem imaginam o que eles faziam por mim e por meu irmão. Quando nós éramos bebês, ou bês, como diziam, eles participavam ativamente das tarefas em família. Nossas vovós haviam falecido. Em nossa casa, tínhamos muitos tabus. Eles nos ajudaram a quebrá-los, cuidando de aspectos morais diziam sempre:

“Cês devem sempre seguir o caminho do bem! Se cês falharem, vai ser uma falha da família.” Diziam que ainda estávamos crus para a vida.

Ambos trabalhavam na lavoura de arroz; pés sujos; voz trêmula; calças com vários nós para não caírem; carregando pás e enxadas o dia todo. Também pescavam sempre no ribeirão que tem uma cascata suspensa e que fica aqui pertinho.

Certo dia, ocorreu um revés, e um vírus abateu nosso vovô Pedro e nosso vovô João. Mas vou dizer para vocês: não havia no mundo, descrito em qualquer atlas, vovôs como aqueles!

QUADRO 1  
Palavras ditongadas no texto – por informante

Informantes	Palavras ditongadas no texto – por informante
FA	Vocês, Mas, Vez, Paz, Vocês, Cês, Cês, Revés, Mas, Vocês
MA	Mas, Vez, Vocês, Arroz, Vocês

FJ	Vocês, Mas, Vez, Paz, Vocês, Cês, Cês, Arroz, Mas, Vocês.
MJ	Vocês, Mas, Vez, Luz, Vocês, Cês, Cês, Arroz, Mas, Vocês

---

As demais palavras não foram ditongadas.

No Quadro 1, é fácil perceber que a maioria das palavras foi pronunciada pelos informantes na forma padrão. Esse fato pode ter acontecido por influência de um estilo mais formal, segundo Labov (1972), que ocorre em situações de teste de leitura.

Podemos observar vários aspectos nesse teste:

- (1) As sílabas com vogal **a**, **e** ou **o** ditongam mais que as em **ó**, **é** ou **u**.
- (2) Não houve ditongação em sílabas átonas pré-tônicas, nem pós-tônicas, nem em clíticos.
- (3) Não houve ditongação em nomes no plural, como já visto anteriormente.
- (4) O informante MA ditonga menos que os demais.
- (5) Ao compararmos CÊS, VOCÊS e VEZ, observamos que CÊS ditonga menos que os demais. Isso ocorre devido às realizações do informante MA.

## Teste 2

Com base nos resultados do Teste 1, formulamos a seguinte hipótese:

Menor índice de ditongação indicaria maior atonicidade.

Elaboramos um teste em que os informantes teriam que ler uma lista com as palavras que estavam presentes no texto. Queríamos com isso comprovar as realizações do teste 1 e ver se a não ditongação podia ser atribuída ao informante MA.

Lista de palavras:

Nossa; Vez; Caminhos; Paz; Essa; Luz; Nossos; Tarefas; Mas; Tabus; Histórias; Meus; Nossas; Vocês; Vovôs; Vidas; Eles; Das; Vovós; Tínhamos; Muitos; Nos; Aspectos; Morais; Cês; Estávamos; Crus; Pés; Sujos; Voz; Calças; Vários; Pás; Enxadas; Arroz; Nós; Pescavam; Aqueles; Ambos; Cascata; Suspensa; Revés; Descrito; Atlas.

QUADRO 2

TOTAL	FA	MA	FJ	MJ
Ditongo	3 (vez, paz, vocês)	0	3 (vez, cês, vocês)	2 (vocês, arroz)
Padrão	42	43	41	40
Outra forma	-	2	(Falou uma palavra a	3

			menos)	
--	--	--	--------	--

\* P e D são os códigos para as palavras com realização padrão e ditongada, respectivamente.

No Quadro 2, é fácil perceber que a maioria das palavras foi pronunciada pelos informantes na forma padrão. Esse fato pode ter acontecido por influência de um estilo mais formal do que o estilo de leitura de texto, segundo Labov (1972) – a leitura de palavras. Esse teste nos proporcionou resultados interessantes.

Comparando as palavras da lista, percebemos não só que todos possuem /S/ depois de uma vogal no final da sílaba, mas também que esse contexto não faz com que a realização das palavras seja a mesma. Comprovamos mais uma vez que somente nos nomes no singular, com vogais tônicas seguidas de /S/, ocorre variavelmente o glide. Os nomes com vogais átonas, pré-tônicas e pós-tônicas, e os nomes no plural continuam na forma padrão. Assim, a ditongação variável indica singular nos nomes; vimos que nos pronomes não é assim. Encontramos indícios de que maior índice de ditongação indica tonicidade maior da sílaba, já que não ocorre esse processo nas átonas.

Em VOCÊS e CÊS ocorre a ditongação variável. Na lista de palavras, contabilizamos a existência de três VOCÊIS, uma vez VOCÊS; três CÊS e uma CÊIS. Observando os nomes: ocorreram duas vezes a palavra VEZ e duas VEIZ; uma ARROIZ e três ARROZ. O informante MA mais uma vez se mostrou peculiar e não ditongou. Concluímos então que esse informante, tendo realização categórica, deve ser analisado separadamente. Ele parece ter sido mais influenciado pela situação de teste do que os demais.

Considerando os informantes que variam, temos: três VOCÊIS, zero VOCÊS; dois VEIZ e uma VEZ; uma CÊIS e duas CÊS; uma PAIZ, duas PAZ; uma ARROIZ e duas ARROZ. Controlando o contexto vocálico, observamos que o /eS/ ditonga mais em VEZ e VOCÊS do que em CÊS. Encontramos assim indícios de que o CÊS é mais átono do que VOCÊS e VEZ no falar de Varginha – MG. Se pensarmos apenas que o contexto precedente em VEZ pode estar favorecendo a maior ditongação, não conseguimos explicar o motivo da menor ditongação em CÊS,

comparativamente a VOCÊS, sem aventarmos a hipótese de maior atonicidade de CÊS em relação a VOCÊS.

### CONCLUSÃO DA SEÇÃO B

Observamos que existe significativamente ditongação no falar sulista, não só no mineiro como descrito por Zágari (1998). Algumas conclusões deste projeto de pesquisa piloto são:

- (1) O fenômeno de ditongação no contexto analisado é variável.
- (2) Encontramos indícios que comprovam nossa hipótese de que a ditongação não ocorre quando o /S/ é marca de plural nos nomes.
- (3) Nos pronomes é diferente, pois o /S/ não marca plural da mesma forma que marca em BEBÊS. Os nomes, dentre outras diferenças, são comumente precedidos por determinantes e servem de base para formação de outras palavras, já os pronomes pessoais retos não.
- (4) As sílabas com vogal /a/, /e/, e /o/ ditongam mais.
- (5) Não houve ditongação em sílabas átonas pré-tônicas, nem pós-tônicas, nem em clíticos.
- (6) Encontramos indícios de que maior índice de ditongação indica tonicidade maior da sílaba, já que não ocorre esse processo nas átonas.
- (7) Encontramos indícios de que o CÊS é mais átono do que VOCÊS e VEZ no falar de Varginha – MG. Se supusermos que o contexto precedente no monossílabo VEZ pode estar favorecendo a maior ditongação, não conseguiremos mesmo assim explicar o motivo da menor ditongação em CÊS, comparativamente a VOCÊS, sem aventarmos a hipótese de maior atonicidade de CÊS em relação a VOCÊS.

Segundo Vitral, Viegas e Oliveira (2010, p. 203),

(...) um processo de gramaticalização ainda não se esgota na criação de um item com função gramatical a partir de uma fonte que é um item com função lexical. De acordo com Hopper e Traugott (1993), um processo de gramaticalização trilha, potencialmente, um percurso que prevê as quatro etapas seguintes:

(4) item lexical > item gramatical > clítico > afixo.

O percurso apontado acima deve ser dividido em duas subetapas: a primeira, isto é, *item lexical > item gramatical*, diz respeito ao plano

do conteúdo, já que o item passa a funcionar como um item de outra função sintática com, portanto, outra significação; a segunda subetapa, ou seja, *clítico* > *afixo*, refere-se ao plano da forma, uma vez que o item que se gramaticaliza passa a sofrer redução de forma fonética, podendo conservar a mesma significação. [...]

No recorte diacrônico que fizemos, a forma *vossa mercê* é a fonte do processo de gramaticalização que gerou o item gramatical *você* e sua forma reduzida *cê*; esta última, como foi mostrado, encontra-se em adiantado processo de cliticização, sem, no entanto, comportar-se ainda, em todos os aspectos, como outras formas reconhecidamente clíticas do português. Ocorre que *você* e *cê*, na acepção de segunda pessoa do discurso, passam, portanto, a ter o mesmo valor de verdade, tornando-se, como previsto, formas concorrentes.

Encontramos neste projeto piloto indício de que *CÊS* é mais átono do que *VOCÊS* e do que *VEZ*, ou seja, indício de que o *CÊS* se encontra em processo de cliticização.

#### ABSTRACT

This paper sets out to investigate the variation the forms (OS) OLHOS ~ (O) OLHO, (AS) MÃOS ~ (A) MÃO e (OS) PÉS ~ (O) PÉ, that is, the variation in the number of noun phrases referring to pairs in the oral production of Belo Horizonte's dialect. We believe that this variation is due to the expansion in the lexicon domains – plural lexicalization at the expense of morphological marking. There is evidence that women use more standard variation than men do. This finding may be because women tend to be more sensitive to correction, as it is well-known in the literature about variation. We have also dealt with the diphthongization variation in syllables /CVS/ (arroz [a'hojs], paz [pajs], vocês [vo'sejs]), as it is performed by the residents of Varginha (Southern Minas Gerais's dialect). We found out the prevalence of diphthongization, however, there are special cases in which the phenomenon is not prevalent. We interpret these results as evidence of greater syllable atonicity, as well as evidence of grammaticalization.

**Keywords:** form variation, Belo Horizonte's dialect, morphological marking, lexicalization, Southern Minas Gerais's dialect, diphthongization, grammaticalization.

#### REFERÊNCIAS

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Organização fonológica de marcas de plural no PB. *Revista da Abralín*, v. XI, n. 1, p. 273-306. jul. 2012.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, William. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Eds.). *Variation Omnibus*. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, 1981.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

VITRAL, Lorenzo; VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel de. Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli Maria (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 201-228.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguídas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998.

Recebido em: 26 dez. 2013

Aceito em: 13 jan. 2014